

# Contribuições do paradigma de corporeidade para o aconselhamento libertador<sup>1</sup>

*Arno Vorpagel Scheunemann*

## Resumo

---

Presenciamos uma espécie de contradição no que respeita à nossa corporeidade: por um lado, a imagem do corpo é muito valorizada, por outro, o corpo é instrumentalizado, submetido ao princípio da utilidade. O estudo apresenta duas concepções de corporeidade, con-

ceituadas como “matemático-racional” e “estética”, e formula as características de um aconselhamento pastoral libertador, que busca responder às questões formuladas por pessoas que enfrentam aquela contradição.

## Resumen

---

Presenciamos una especie de contradicción en lo que respecta a nuestra corporeidad: por un lado la imagen del cuerpo es muy valorizada, por otro, el cuerpo es instrumentalizado, sometido al principio de utilidad. El estudio presenta dos concepciones de

corporeidad, conceptualizadas como “matemático racional” y “estética”. Formula las características de un aconsejamiento pastoral libertador, que busca responder las cuestiones formuladas por personas que enfrentan aquella contradicción.

## Abstract

---

We are witness to a type of contradiction with respect to our corporeality: on the one hand the image of the body is highly valued, while on the other hand the body is instrumentalized, submitted to the principle of utility. This study presents

two notions of corporeality, conceptualized as “rational-mathematical” and “esthetic,” and formulates the characteristics of liberating pastoral care, which seeks to answer the questions formulated by people who confront that contradiction.

## Introdução

Falar em corporeidade, hoje, invariavelmente evoca pensamentos referentes a aspectos exteriores do corpo. Nessa era de descartáveis e imposição de modelos, sob o peso do sentido de posse no capitalismo, o estético, além de reduzido a aspectos exteriores do corpo, é, cada vez mais, subjugado ao princípio da utilidade. Sob o princípio da utilidade, a corporeidade só faz sentido quando destaca um corpo diante e sobre os demais. O objetivo passa a ser estar adiante (à frente) do outro e não usufruir, saborear e viver a riqueza da dimensão estética da vida. Ou, como diria Rubem Alves: “O corpo precisa ser ultrapassado, o corpo precisa ser ultrapassado. O que importa é fazer com que o corpo obedeça... A voz do corpo: silenciada.”<sup>2</sup>

O predomínio do princípio da utilidade faz com que a corporeidade seja reduzida a “ter um corpo”. E esse corpo, que é um simples meio, precisa ser treinado para se tornar um instrumento contra o espaço e o tempo.

Paradoxalmente, o corpo, o cultivo do corpo, os investimentos sobre o corpo, nos dias atuais, estão em grande evidência. Nunca falou-se tanto do corpo<sup>3</sup>. A cada dia novas academias são inauguradas, novas técnicas de musculação, ginástica, etc. são praticadas. Nos meios de comunicação de massa, a “onda do corpo” agiganta-se em proporções sem precedentes. Diferentes modelos de corpo são criados no mundo imagético e, a todo instante, uma nova moda, para cada um deles, é criada. Como diria João P. Medina, o corpo entra como mercadoria na ciranda do consumismo<sup>4</sup>.

*A partir dessas mensagens, as pessoas vão ávidas ao consumo dos modismos, dos mais econômicos aos mais refinados, dependendo da possibilidade de gastos de cada uma. Na verdade, o próprio corpo gera os lucros dos investidores, uma vez que fazer o coração suportar esforços físicos cada vez maiores, bem como aumentar a massa muscular das pessoas, tornou-se um ótimo negócio e apreciável fonte de renda (...).<sup>5</sup>*

Se, por um lado, há todo esse consumo de modismos, por outro, em nosso contexto, a reboque da tecnologia, as pessoas cada vez se movimentam menos. Passam quase todo o tempo em determinadas posições fixas. Tornam-se sedentárias quase que por excelência: “Temos usado muito a mente; temos usado pouco o corpo e o espírito (...) subutilizamos nosso corpo, subutilizamos nossa espiritualidade”<sup>6</sup>.

Gonçalves aponta para o fato de que em sociedades mais estruturadas como a nossa, “são menores a espontaneidade e a expressividade corporal, e maior a instrumentalização do corpo”<sup>7</sup>. Cada vez mais, dá-se o que podemos chamar de “descorporalização” do ser humano. Conseqüentemente, categorias mentalistas regem as mais diversas relações inter e intra-humanas, em contraposição ao processo corpóreo da primeira infância.

*Na primeira infância somos puramente sensoriais; o que vemos vai nos impressionando e organizando nossas ações. Afinal, basicamente aprendemos por imitação. Poste-*

*riormente somos educados para acreditar nas palavras e idéias. Iludimo-nos com elas a tal ponto, que acreditamos mais nos discursos que dizem como as coisas devem ser do que naquilo que se passa diante de nós.*<sup>8</sup>

Vivemos uma espécie de contradição: o cotidiano de nossas vidas é regido por categorias, estruturas e procedimentos mentalistas e, ao mesmo tempo, a “imagem do corpo” recebe destaque sem precedentes. Na prática, regidos pela lei do mínimo esforço, gastamos tempo, dinheiro e vida para termos tudo à mão, tudo rápido, tudo automático, tudo próximo. O mercado (com suas telecompras, teleescolhas, teleentregas, teleconsultas, etc.) cada vez mais nos empurra para dentro de casa sobre a cadeira ou sofá. No entanto, tudo o que é-nos oferecido em nome da lei do mínimo esforço bate de frente com a vida e dinâmica do corpo humano.

Enquanto isso, somos bombardeados, avaliados, valorizados e medidos por padrões físicos, curvas, silhuetas, músculos comerciais, impossíveis na vida sedentária imposta. Talvez encontremos aí algumas das explicações para os índices de desânimo, depressão, desgosto, bulimia, anorexia, etc. Talvez encontremos aí algumas respostas para os altos índices de doenças psicossomáticas<sup>9</sup>.

Olhando de perto, parece que a vida, a satisfação, o prazer, o gosto só serão possíveis se furarmos a lógica da “utilidade” imposta pela sociedade e economia neoliberais.

Colocam-se perguntas: como fazer frente a tudo isso no aconselhamento pastoral? É possível superar categorias e processos mentalistas que tanto determinaram e determinam a terapia e o aconselhamento em nosso contexto? Qual é a atenção que damos ao “corpo” nos processos de aconselhamento? O que fazemos por todos os “corpos” que se fazem representados por aqueles poucos que nos procuram? O que é libertação para estas pessoas e para nós que “aconselhamos”?

Não pretendo formular respostas para essas e tantas outras perguntas nesta área. Mas trarei elementos de duas concepções de corporeidade, que aqui chamamos de “concepção matemático-racional” (que apresenta o corpo como corpo pensado<sup>10</sup>, corpo-objeto, corpo-problema, corpo que se vê<sup>11</sup>) e “concepção estética” (que concebe o corpo como corpo vivido, corpo-sujeito, corpo que se sente, se toca). A seguir, apresentarei um conceito de aconselhamento libertador. E, por fim, traçarei características e indicativos de um aconselhamento libertador sensível à corporeidade<sup>12</sup>.

# 1 – Por uma concepção de corporeidade

## 1.0 – A concepção matemático-racional de corporeidade

Os filósofos anteriores a Sócrates (destaque-se Pitágoras de Samos [571-497 a.C.]) não dividiam nem contrapunham a natureza e o corpo ao psíquico, ao anímico, ao espiritual. Para eles *physis* compreendia tudo.

*A Physis é a totalidade de tudo o que é. Ela pode ser apreendida em tudo o que acontece: na aurora, no crescimento das plantas, no nascimento de animais e homens (...) Assim, a Physis compreende a totalidade do que é; além dela nada há que possa merecer a investigação humana. Por isso, pensar o todo do real a partir da Physis não implica em naturalizar todos os entes ou restringir-se a este ou aquele ente natural. Pensar o todo do real a partir da Physis é pensar a partir daquilo que determina a realidade e a totalidade do ente.*<sup>13</sup>

Com Platão e Aristóteles começa o processo no qual o ser humano e a idéia passam a ser privilegiados em relação à natureza. O espírito, em relação ao corpo. O pensamento racional, em relação ao conhecimento baseado na intuição direta da natureza das coisas. A razão, em relação ao sentimento. O universal, em relação ao particular. O que, na prática, representa um verdadeiro processo de “descorporalização”. Ou seja, ao longo desse processo, o ser humano foi levado a deixar de lado a “comunicação

empática do seu corpo com o mundo” e a “controlar seus afetos, transformando a livre manifestação de seus sentimentos em expressões e gestos formalizados”<sup>14</sup>, que pouco ou nada têm a ver com sua corporeidade.

A partir de Sócrates (469-399 a.C.) a *physis* deixou de ter o caráter abrangente acima citado, passou a ser limitada ao mundo do espírito, da idéia. Este mundo compreende princípios absolutos, verdades eternas e leis morais imutáveis e iguais para todos. Seu oposto é o mundo da matéria. Como consequência, o ser humano passou a ser visto como um ser dual, dotado de espírito (perfeito) e matéria (o corpo imperfeito). Seu objetivo deveria ser viver em obediência a tais princípios, verdades e leis, mesmo que isso representasse enormes sacrifícios ao corpo, que não passa de um peso para a alma. Por isso, a razão do ser humano passou a ser vista como único caminho para superar a matéria e encontrar o verdadeiro sentido das coisas.

Platão (427-347 a.C.) aprofunda esse dualismo. Ele não só afirmou que há dois mundos diferentes, mas qualificou o mundo material como um mundo decaído, como uma reprodução imperfeita do mundo perfeito, o mundo das idéias<sup>15</sup>. Tudo o que acontece no mundo material (ou sensível) é um puro vir-a-ser, só adquire sentido no mundo das idéias (ou inteligível). Ou seja, o sentido do ser e existir está em voltar ao mundo inteligível de onde tudo procede.

Assim, o corpo, enquanto parte do mundo material, contamina a pureza da alma racional, dificultando a contempla-

ção das idéias perfeitas e eternas. A realização do Bem e da Verdade passam a ser impossíveis mediante o corpo. Apesar de, mais para o final de sua obra, a concepção de corpo não ser tão negativa<sup>16</sup>, Platão impulsionou fortemente o processo de depreciação da corporeidade.

Aristóteles (384-322 a.C.) já não vê o mundo sensível e o inteligível como separados, mas numa continuidade ininterrupta.

*A forma, a idéia universal, não constitui um mundo à parte, mas está presente nos seres concretos, em estreita união com a matéria. (...) a alma está presente como a forma, e o corpo, como a matéria. A alma é a forma do corpo, a causa final de sua conformação orgânica e o princípio do seu movimento, constituindo-se em sua força diretriz e motora.*<sup>17</sup>

Percebe-se que para Aristóteles o corpo já não é a prisão da alma. Alma e corpo, essencialmente, formam um todo. No entanto, em termos de corporeidade, a dificuldade começa a partir da concepção de que o ser humano é sobretudo um ser pensante e político, cuja vida é dirigida pela razão. Nesse aspecto, de mãos dadas com Platão, fomenta um acentuado desprezo ao trabalho físico (que não implica o uso da razão, mas da força do corpo) e, conseqüentemente, à corporeidade como um todo.

A filosofia moderna, em especial o racionalismo, encarregou-se de separar de vez o ser humano e a natureza. Esta é dessacralizada. É uma natureza morta, uma natureza-objeto a ser dominada e esartejada pelo ser humano. O próprio corpo humano, visto como simples ma-

téria, passou a estar sujeito aos mesmos princípios.

O racionalismo colocou a *razão matemática* (caracterizada pela clareza e pela distinção) como o caminho de ligação entre o ser humano e o universo. René Descartes (1596-1650 d.C.), seu representante principal, parte do princípio de que só há duas propriedades ou atributos que podem determinar a essência: o pensamento (*res cogitans*) e a extensão (*res extensa*). E, conseqüentemente, há apenas duas espécies de coisas: o espírito puro e o corpo<sup>18</sup>.

Descartes reduziu o ser humano ao *cogito* (ao Eu pensante), eliminando o sentir e o agir. Em outras palavras, o que o espírito faz (*cogito*) acontece independentemente do corpo que age e sente. A *res extensa* (matéria, corpo, extensão) e a *res cogitans* (pensamento, consciência moral) efetivamente tornaram-se dois princípios distintos e irreconciliáveis. Na sexta meditação encontra-se um trecho que traz a essência do pensamento de Descartes a respeito disso.

*E, portanto, pelo próprio fato de que conheço com certeza que existo, e que, no entanto, noto que não pertence necessariamente nenhuma outra coisa à minha natureza ou à minha essência, a não ser que sou uma coisa que pensa, concluo efetivamente que minha essência consiste somente em que sou uma coisa que pensa ou uma substância da qual toda a essência ou natureza consiste apenas em pensar*<sup>19</sup>. *E, embora talvez (ou, antes, certamente, como direi logo mais) eu tenha um corpo ao qual estou muito estreitamente conjugado, todavia, já que, de um lado, tenho uma idéia clara e distinta de mim mesmo, na medida em*

*que sou apenas uma coisa pensante e inextensa, e que, de outro, tenho uma idéia distinta do corpo, na medida em que é apenas uma coisa extensa e que não pensa, é certo que este eu, isto é, minha alma, pela qual sou o que sou, é inteiramente e verdadeiramente distinta de meu corpo e que ela pode ser ou existir sem ele.*<sup>20</sup>

Como conseqüência,

*o Eu de Descartes é um Eu fragmentado em si mesmo e isolado do mundo. A vivência da corporalidade é substituída pela sua representação na mente, e os objetos do mundo exterior transformam-se em meros dados da consciência.*<sup>21</sup>

Com a Revolução Industrial e a instituição do capitalismo essa tendência foi levada às últimas conseqüências. Particularmente no século XIX, a já existente oposição homem-natureza é multifacetada. O ser humano é dividido em Economia, Sociologia, Antropologia, História, Psicologia, etc. A natureza em Física, Química e Biologia. Esta divisão foi e é tão profunda que torna difícil toda e qualquer tentativa de compreensão do ser humano e da natureza como uma totalidade.

A título de síntese, podem-se lembrar as palavras de Santin:

*Em nenhum momento da história do conhecimento racional houve preocupação em definir o corpo humano a partir do próprio corpo. O pensamento filosófico grego partia da psyche para chegar à realidade corpórea. O corpo era sempre entendido como o oposto da psyche. Sempre que se buscava uma definição*

*de corpo – ocorre ainda hoje – acrescentava-se o dado de que ele é o oposto da alma. Portanto, será preciso saber o que é alma ou a psyche para se poder saber o que é o corpo. As ciências modernas também não se preocuparam diretamente com o corpo, preferiram transferir para o homem os resultados obtidos em estudos desenvolvidos nos animais. A medicina e, em especial, a produção de medicamentos mostram claramente que o corpo humano é visualizado dentro dos princípios da química. O corpo humano não passa de uma máquina com reações químicas.*<sup>22</sup>

O predomínio desse modelo tem uma conseqüência imediata: o dualismo ontológico que distingue o corpo da consciência, o organismo físico da alma e a decorrente compreensão do corpo como parte secundária do ser humano. Uma vez que a racionalidade é tida como valor supremo, o corpo deve ser submisso e dependente da razão. Ela não é corpo, porque é superior a ele. Enquanto superior, a racionalidade detém o direito de estabelecer regras disciplinares para os corpos. “Ter um corpo”, “a alma inteligente precisa pilotar o corpo sem inteligência”, nos textos científicos e nas conversações cotidianas, são sinais dessa “superioridade” da dimensão racional. É aqui que começa o domínio sobre o corpo pessoal e de outros. Quem tem uma racionalidade mais desenvolvida passa a ser superior aos outros.

Não se discute se a razão é mais justa ou mais humana do que o coração, supõe-se, *a priori*, que sim. Então os instintos, as emoções, os sentimentos precisam ser enquadrados pelos procedimentos disciplinadores. “Foi assim que

o corpo individual tornou-se um instrumento a serviço da razão e os corpos ignorantes e analfabetos foram reduzidos a uma ferramenta nas mãos das classes dominantes. (...) O corpo é uma força ferramental nas mãos do homem. (...) A disciplina é capaz de aperfeiçoar a ferramenta e docilizar as energias do corpo.”<sup>23</sup>

Esse processo faz-se sentir nas mais diferentes esferas da sociedade capitalista: fabrica-se (treina-se) um corpo para cada necessidade. Para a guerra, corpos guerreiros. Para os esportes, corpos atletas. Para a produção, corpos trabalhadores, etc. E qualquer corpo treinado passa a não valer nada na medida em que deixa de servir aos interesses estabelecidos pela racionalidade, seja por falta de vitalidade física ou pelo excesso de corpos treinados à disposição. A preocupação é construir corpos disciplinados, fortes, resistentes, sadios e jovens. Outros corpos não interessam.

“Ter um corpo” resultou numa corporeidade que aborda o corpo esquadrihando-o observacional e laboratorialmente. Mediante uma postura objetiva dissecam-se as estruturas anatômicas e fisiológicas. *Aborda-se o corpo sem considerar suas vivências subjetivas e pessoais*. O corpo passa a ser um *corpo-problema*<sup>24</sup>. Com certeza, há maravilhas que podem ser consideradas a partir duma abordagem corpo-problema<sup>25</sup>. Mas, mesmo esgotando todas as possibilidades de conhecimento das funções fisiológicas em sua perfeita sincronia vital, ainda estaremos lidando com o corpo-problema, com que podemos estabelecer uma relação sujeito-objeto de conhecimento.

Hoje vejo que o meu processo educacional escolar e cristão foi bem na linha da primazia da razão, na ótica do corpo-problema. Para aprender algo pre-

cisava-se de rigidez corporal estática e silêncio racional (não estético). Devoção, oração, louvor sem silêncio e rigidez era sinônimo de “falta de respeito”. Hoje dou-me conta de que a questão fundamental era abrir caminho para a razão, porque era preciso “pensar” naquilo que estava se fazendo. E o estético (a sensação, o sentimento, o belo)? Até hoje tenho dificuldade de vivenciá-los, cultivá-los ou expressá-los.

No cotidiano, encontramos diferentes manifestações da concepção matemático-racional de corporeidade. José Angelo Gaiarsa<sup>26</sup> (médico, psicoterapeuta, introdutor das idéias de Wilhelm Reich no Brasil) aponta *a aprovação do corpo que se vê, que se mostra, e a negação do corpo que se sente e que se toca*. Vivemos a proibição do cultivo da sensibilidade do contato, associada à ilusão da sexualidade liberada. Insistimos em vivenciar a sexualidade com o “corpo que se vê”, enquanto que ela apenas será prazerosa e não dominadora na medida em que o “corpo que se toca” for parâmetro e referencial para as intenções, os sentimentos, as sensações e as ações envolvidas na relação. A propósito, numerosas estatísticas mostram que a maioria dos homens faz sexo verbalmente, contando histórias na roda de amigos. Na cama, são incrivelmente monótonos e raramente modificam o comportamento e desempenho sexuais encontrados entre 15 e 20 anos de vida.

A proibição e negação do corpo que se toca trazem consigo a depreciação do que podemos chamar de “corpo erótico”. É comum o uso negativo de tudo que diz respeito ao corpo que se toca. Gaiarsa defende que quase todos os nossos palavrões são anti-eróticos: “filho da puta”; “foda-se”; “estou fodido”; “caralho”; “coitado”...

Wagner Wey Moreira<sup>27</sup> aponta a supremacia do corpo pensado sobre o corpo vivido. Temos facilidade em pensar o corpo, de raciocinar sobre ele. Quando toca de vivenciarmos nosso corpo, isto é, vivenciar os diferentes aspectos e facetas do nosso corpo, fechamo-nos tímidos e envergonhados.

O modelo matemático-racional dominou a concepção ocidental de mundo e ser humano desde os gregos até os tempos modernos. Felizmente, esse processo nunca foi pacífico. Sempre houve quem se levantasse contra tal monopolização do conhecimento em favor do enfoque da lógica racional. Dessas manifestações emanaria a concepção estética de corporeidade<sup>28</sup>.

## 2.0 – A concepção estética de corporeidade

Entende-se, aqui, por estética a arte de perceber, de cultivar, de cultivar e de vivenciar o belo – nas emoções, nos sentimentos, nas sensações (corporais).

Mesmo que a concepção matemático-racional predomine em nosso contexto, felizmente não foi nem é a única possibilidade. Apesar de serem poucas as possibilidades de “sermos corpo”, é preciso reconciliar a corporeidade com o tempo e o espaço. É preciso usufruir toda a riqueza estética dessa corporeidade reconciliada com o tempo e o espaço. Pensar essa possibilidade é o que se pretende nesta seção. Para tanto, pretende-se destacar elementos da escola pitagórica, de Friedrich Schiller, de Maurice Merleau-Ponty, que, em diferentes momentos da história, batalharam pela valorização do estético e da corporeidade.

Pitágoras parte duma premissa: existe uma relação numérica direta entre a qualidade e as relações dos acordes musicais.

*(...) quando los martillos golpean sobre el yunge, la altura de los sonidos varia de acuerdo con su peso y lo mismo sucede con las cuerdas distendidas por masas variables (...) si el número es lo que constituye el acorde musical, puede serlo, por analogía, de otras cosas y hasta de todas las cosas.*<sup>29</sup>

A partir dessa constatação, os pitagóricos defendiam que *na mesma proporção em que um corpo se movimenta, varia o som por ele produzido*. Aplicaram esse princípio ao movimento dos astros, afirmando que haveria uma perfeita harmonia musical (numérica) entre a substância e o movimento dos astros, o som por eles produzido e a distância que percorrem ao movimentarem-se, configurando uma *harmonia das esferas celestes*.

Esse princípio da harmonia das esferas celestes foi aplicado ao corpo humano pelos pitagóricos da Escola de Medicina de Crotona, sobretudo por Alcmeón (o primeiro a dissecar – ainda na era pré-cristã – o corpo humano e defender que o órgão central do corpo humano é o cérebro e não o coração, como se acreditava). A partir da aplicação do princípio da harmonia, defendeu que a saúde representa a harmonia entre os opostos frio e calor, seco e úmido, frio e quente, amargo e doce, ao passo que a doença representaria a predominância de um dos opostos. O corpo era visto como uma harmonia e não um todo formado por duas partes opostas (matéria e espírito).

O filósofo alemão Friedrich Schiller (1759-1805) identifica-se muito com a compreensão estética. Isso fica claro em sua obra *Cartas para a educação estética do homem*, atualmente reeditada



como *A educação estética do homem*. Schiller destaca a riqueza que compreendem o sentimento e o termo “estética”. Compartilhando de sua postura, pretende-se trazer um trecho que reflete bem essa riqueza.

*Para leitores que não estejam familiarizados com a significação de um termo tão mal-empregado pela ignorância, sirva de explicação o seguinte. Todas as coisas que de algum modo possam ocorrer no fenômeno são pensáveis sob quatro relações diferentes. Uma coisa pode referir-se imediatamente a nosso estado sensível (nossa existência de bem-estar): essa é a índole física. Ela pode, também, referir-se a nosso entendimento, possibilitando-nos o conhecimento: essa é a índole lógica. Ela pode, ainda, referir-se à nossa vontade e ser considerada como objeto de escolha para ser racional: essa é a índole moral. Ou, finalmente, ela pode referir-se ao todo de nossas diversas faculdades sem ser objeto determinado para nenhuma isolada dentre elas: essa é a índole estética. Um homem pode ser-nos agradável por sua solicitude; pode, pelo diálogo, dar-nos o que pensar; pode inculcar respeito pelo seu caráter; enfim, independente disso e sem que tomemos em consideração alguma lei ou fim, ele pode aprazer-nos na mera contemplação e apenas por seu modo de aparecer. Nessa última qualidade, julgamo-lo esteticamente.<sup>30</sup>*

Ao contrário da concepção matemático-racional, Schiller defende que o “impulso sensível (estético) precede o racional na atuação, pois a sensação precede a consciência (...) a humanidade do

homem não se dá com a racionalidade, mas com a descoberta da beleza, isso é, dos valores estéticos”<sup>31</sup>.

Gaiarsa coloca isso em outras palavras dizendo:

*Quando o “eu” humano ainda não existia, já havia um corpo inteiro, funcionando plenamente, sobrevivendo, sem precisar de nada. O corpo é anterior à consciência. O mesmo acontece com a criança. Inicialmente, ela é só corpo, depois e de vagar, ela vai desenvolvendo a consciência.<sup>32</sup>*

No século XX, Maurice Merleau-Ponty (1908-1961) e Gabriel Marcel (1889-1975), dois filósofos franceses, fizeram contribuições importantes na questão da corporeidade humana. O ponto de partida, ou pano de fundo, não foi a concepção da harmonia musical do universo. Como filósofos existencialistas, estavam preocupados com a concepção instrumentalista de corporeidade fomentada pela *res cogitans* e a *res extensa* cartesianas.

Aqui a atenção estará mais voltada a Merleau-Ponty, haja vista seu empenho em construir uma filosofia que possibilitasse pensar o ser humano sem destruir sua percepção bruta do mundo, que previamente está presente. Para ele, a reflexão precisaria ter uma base que compreenderia o entrelaçamento de nossa vida com os outros e do nosso corpo com as coisas visíveis. A questão era reconquistar a dignidade e a “reabilitação ontológica do sensível”.

*O que nos importa é precisamente conhecer o sentido do ser-no-mundo; não devemos pressupor nada sobre isso, nem portanto a idéia ingênua de ser em si, nem a idéia*

*correlativa de um ser de representação, de um ser para a consciência, de um ser para o homem (...).*<sup>33</sup>

Ao contrário da concepção matemático-racional, Merleau-Ponty entende que o corpo humano não pode ser comparado com um objeto físico, mas com uma obra de arte, pois

*num quadro ou num fragmento de música, a idéia não pode comunicar-se mais que pela configuração das cores e dos sons. (...) Uma novela, um poema, um quadro, uma peça musical são indivíduos, isto é, seres nos quais se pode distinguir a expressão do expressado, cujo sentido só é acessível por um contato direto [sic] e que irradiam sua significação sem abandonar seu lugar temporal e espacial.*<sup>34</sup>

A separação estanque entre corpo e consciência *no vivente* não é concebível para Merleau-Ponty.

Fundamentada nessa leitura de mundo e ser humano, a concepção estética de corporeidade parte do princípio de que *somos corpo*. A corporeidade é vista como um todo no qual a racionalidade é apenas uma das dimensões. Essa corporeidade precisa ser cultivada e cultuada (e não treinada). Nem só cultivada, nem só cultuada.

*Não pode ser só cultivo porque pode dar a impressão do plantio de árvores, flores ou cereais, uma ação*

*muito manual, mecânica, que acontece de forma externa. Não pode ser só culto porque pode significar que a corporeidade seja algo pronto, acabado e completo, que precisa ser venerado e contemplado. A corporeidade precisa ter a dignidade da ação sagrada e festiva e, ao mesmo tempo, a cotidianidade do esforço e do trabalho criativo.*<sup>35</sup>

Uma questão-chave, nessa concepção, é que *a corporeidade é cultuada e cultivada na e a partir da realidade corporal humana*. Não se concebe entender o corpo a partir de elementos que vêm de fora. Faz-se uma leitura direta da realidade corporal humana mediante a escuta da linguagem corporal. E essa linguagem não é interpretada nem pelos padrões oficiais das ciências biológicas, nem pelo das ciências físicas, nem pelo das ciências químicas. A interpretação da linguagem corporal, segundo a concepção estética, não despreza todos os dados das ciências biológicas, físicas e químicas, mas entende que é preciso ir além desses dados e considerar a sensibilidade afetiva, as emoções, os sentimentos, os impulsos sensíveis, o senso estético, etc., pois é nesses sinais e elementos que a corporeidade humana se manifesta. Logo, uma corporeidade humana, segundo a concepção estética, é vivida mediante o cultivar e cultivar de todos esses elementos e sinais.

## 2 – Por um conceito de aconselhamento libertador

A partir de 1960, apesar de a perspectiva sob a ótica do indivíduo continuar em pauta, diferentes autores de aconselhamento, a partir da teologia processual<sup>36</sup>, passaram a ocupar-se também com o contexto sócio-cultural do indivíduo (Don Browning, Gaylord Noyce, Gordon Jackson, James Lapsley). Essa atenção passou a caracterizar-se por ênfases diferentes em diferentes aspectos do individual e do social. John Patton e Brian Childs desenvolveram um modelo que fundamenta a personalidade num conceito de relação transgeracional. Charles Gerkin, a partir de Gadamer e Moltmann, esforçou-se por ampliar o horizonte do aconselhamento incluindo o congregacional, o social, o cultural e o histórico que constituem as pessoas e contextualizam os sintomas e suas necessidades de aconselhamento. Larry K. Graham acredita que este modelo apresenta limitações, pois procura a auto-realização pessoal e o suprimento/realização de relações primárias. Archie Smith combinou aconselhamento, teologia da libertação e a experiência da igreja negra ao desenvolver um conceito relacional de individualidade e uma teoria de mudança/transformação que preocupasse com a necessidade de transformação pessoal e social simultaneamente. Howard Clinebell procurou combinar o aconselhamento voltado para a pessoa com o aconselhamento voltado para o contexto/meio ambiente. Seu objetivo principal é:

*(...) facilitar o desenvolvimento máximo das potencialidades de uma pessoa, em cada estágio de vida, de formas que contribuam para o cres-*

*cimento de outros bem como para o desenvolvimento de uma sociedade na qual todas as pessoas terão oportunidade para usar suas potencialidades plenas.<sup>37</sup>*

Para Graham, esse objetivo deixa claro que a tentativa de Clinebell também está fundamentada no modelo antropológico-existencial e, por conseguinte, orienta-se por princípios éticos egoístas. Mesmo sendo um modelo mais abrangente em termos de contexto, continua centrado na auto-realização e capacitação do indivíduo. Além disso, segundo Graham, sua teologia de libertação não é específica e não contempla as condições de opressão em termos políticos, sociais e econômicos. Clinebell afirma uma concepção holística que engloba mente, espírito, corpo, relações, instituições e a biosfera, no entanto, para efetivamente abranger essas dimensões é necessário que sua proposta esteja mais fundamentada em princípios sociais e sistêmicos e que trate das questões organicamente, ao invés de linear e seqüencialmente<sup>38</sup>. O que, segundo Graham, seria possível mediante uma proposta psicossistêmica.

A proposta psicossistêmica entende que o aconselhamento não pode limitar-se à conversa individualizada. Aconselhamento precisa trabalhar as dificuldades, conflitos e crises pessoais no contexto dos sistemas sociais desses indivíduos (família, vizinhos, Igreja, clube, trabalho, etc.). É lá que se encontram muitos fatores/causas das suas dificuldades, aparentemente individuais. É lá que se precisa estabelecer uma rede de apoio, sob pena de invia-

bilizar qualquer tentativa de superação das dificuldades.

No entender de Lothar C. Hoch, neste contexto, um aconselhamento pastoral que pretende ser libertador e estar sintonizado com o sofrimento maior do povo precisa considerar a perspectiva de pobreza e suas causas. É traição ao evangelho a atitude pastoral que justifica ou procura estabilizar este sistema de injustiça institucionalizada<sup>39</sup>. Partindo deste princípio Hoch define o aconselhamento pastoral libertador como “uma ação pastoral que, a partir da fé, se propõe a solidarizar-se com as pessoas em situação de crise e sofrimento através do diálogo, do estabelecimento de uma relação de ajuda e da mobilização de recursos terapêuticos da comunidade, ajudando-a inclusive a descobrir as causas estruturais que geram o sofrimento”<sup>40</sup>. O autor entende que o aconselhamento pastoral precisa andar de mãos dadas com os objetivos amplos de libertação da sociedade e da própria Igreja. O aconselhamento pastoral dá as mãos a essa luta, mas contribui dentro da sua competência específica. Preocupa-se com as necessidades psico-emotivas, espirituais, físicas e de inter-relacionamento pessoal que emanam da pobreza, da doença, da morte, da velhice, do relacionamento familiar, etc. Percebe que neste processo de libertação abrangente não pode perder de vista as necessidades mais imediatas daqueles que vão sucumbindo sob o peso do sofrimento ao longo da caminhada.

Querendo estar a serviço da libertação, o aconselhamento pastoral deverá estar arraigado no testemunho bíblico. Deverá se constituir em auxílio para a fé. Libertação cristã só é a que emana da fé. Sem proceder da fé, não passa de altruísmo humanista<sup>41</sup>. Constituindo-se em

auxílio para a fé, cabe ao aconselhamento pastoral canalizar a religiosidade, notadamente acentuada na América Latina, para objetivos libertadores:

*Cabe ao aconselhamento canalizar essa religiosidade para objetivos libertadores, evitando que essa continue – como foi historicamente – a ser explorada para fins ideológicos de conformismo com o status quo e com o destino de sofrimento ao qual grande parcela da população se considera condenada. Uma das tarefas do Aconselhamento Pastoral na América Latina consiste em contribuir justamente para que a cruz, hoje largamente difundida como um símbolo de entrega passiva a um destino de sofrimento, seja interpretada como um símbolo prenhe de libertação.*<sup>42</sup>

No meu entender, um dos referenciais teológicos mais libertadores para um processo de “solidarizar-se com pessoas em situação de crise e sofrimento” é a chamada teologia da cruz de Lutero, pois coloca o sofrimento sob a cruz, “onde o jugo é suave e o fardo é leve”<sup>43</sup>. Isto é, não nega o sofrimento, não incentiva à fuga dele nem prega a vitória pessoal diante dele. A teologia da cruz não esquece que o sofrimento que advém da vivência do evangelho no dia-a-dia é violento, terrível, assustador e humanamente impossível de ser suportado ou superado. Mas da mesma forma também defende que Deus transforma o sofrimento em fardo leve. Em outras palavras, a paz de Deus, “que é maior do que todo o entendimento humano”<sup>44</sup>, maravilhosamente traz refrigério, consolo, ânimo e alegria mesmo em meio ao maior sofrimento e à mais terrível dor.

Sob a cruz o sofrimento deixa de ser visto como conseqüência de culpa pessoal e tampouco precisa ser pessoalmente expiado ou superado. Isso já foi feito na cruz de Cristo. Logo, a cruz liberta o ser humano completa e radicalmente da culpa e da expiação do sofrimento. Uma vez livre, pode “gastar” sua vida compartilhando essa liberdade e lutando contra tudo o que impede ou limita a vivência e o usufruto dessa liberdade, pessoal e coletivamente.

Sob a cruz, aconselhamento é inseparável da diaconia. Pelo contrário, é uma das dimensões da diaconia de Jesus, que não veio para ser servido (*diakonethenai* – passivo), mas para servir (*diakonesai* – ativo) e dar a vida em resgate por muitos – Mc 10.45.

Essa natureza do Servo do Senhor indica a sua missão: “os cegos vêem e

os coxos andam, os leprosos são limpos e os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e se anuncia aos pobres a boa nova” (Is 35 e 61; Mt 11.5; 10.8; Lc 4.18ss.).

Diaconia sob a cruz, enquanto continuidade da missão do Crucificado, abarca toda a atividade salvadora: pregação, cura, chamamento e reunião dos seguidores. Logo, ou o aconselhamento é diaconal ou não é aconselhamento sob a cruz.

Concluindo, *aconselhamento libertador é uma ação que, a partir da fé, sob a cruz, propõe-se a solidarizar-se com as pessoas em situação de crise e sofrimento através do diálogo, do estabelecimento de uma relação de ajuda e da mobilização de recursos terapêuticos da comunidade, ajudando-a inclusive a descobrir as causas estruturais que geram o sofrimento.*

### **3 – Por um aconselhamento libertador sensível à corporeidade**

Considerando o fato de a concepção matemático-racional fundamentar-se na racionalidade, que é o paradigma da lógica de dominação sobre a mulher, a natureza, os excluídos, as nações e povos marginalizados, entende-se que um aconselhamento somente será libertador se fundamentar-se na chamada concepção estética de corporeidade, acima descrita. Isso, porque a lógica da racionalidade não possibilita ver (nega) o que está além do seu horizonte ontológico de significado da minha Totalidade (o que está além é irracional, sem sentido, não é, logo, não existe). O paradigma estético de corporeidade, por sua vez, propõe-se

a conceber o ser humano a partir da “irracionalidade”, ou seja, a partir dos dados sensíveis. Por isso, daqui por diante, ao falar-se de corporeidade estar-se-á fazendo referência à concepção estética.

A partir dessa concepção, o aconselhamento libertador acima definido será sensível à corporeidade se:

– *considerar que o aconselhando(a) tem uma essência, uma constituição corpóreo-espiritual, que é real e concreta (alegra-se, gosta de sentir-se bem consigo e com os demais, arrepiava-se, vivencia cada sensação e situação dum jeito e forma completamente ímpar, particular,*

diferente da vivência de qualquer pessoa – em especial, nós, aconselhantes. Por outro lado, igualmente, dum jeito e forma completamente ímpar, esta pessoa aconselhanda de constituição corpóreo-espiritual sofre, chora, sente dor – físico-psicológica –, angustia-se, desanima, desespera-se. O que, a partir da nossa experiência e referenciais, pode parecer parcial ou completamente patológico não raras vezes é a única lógica que traz sentido àquela configuração particular e histórica da vida<sup>45</sup>;

– *não conceber o “aconselhando (a)” a partir de uma das faculdades da “nossa percepção”* (delimitada pelo paradigma da racionalidade), *mas assim como ele irrompe (aparece)*. Em outras palavras, é visto como um mistério que irrompe, enquanto livre e centro de seu mundo, no mundo da nossa Totalidade; concebemo-lo a partir e mediante leitura da sua linguagem corporal. Os significados deverão ser descobertos e/ou construídos em conjunto (aconselhante e aconselhado[a]);

– *considerar que o impulso estético e os sentimentos, nossos e da pessoa aconselhanda, precedem a racionalidade* (antes de raciocinarmos/pensarmos, sentimos, vivenciamos a sensação. Logo, a vivência ou a “narrativa da vivência” precederão a reflexão, o raciocínio nos processos de aconselhamento). A coisa (dificuldade, disfunção, problema...) foi construída na corporeidade da pessoa, logo, na corporeidade precisa ser desconstruída, sob pena de dar em nada qualquer tentativa de aconselhamento. Não se está dizendo que todo e qualquer encontro de aconselhamento precisa transformar-se num encontro de educação física, de ginástica, de dança ou coisa parecida. No entanto, estaremos fa-

dados ao fracasso se o processo de aconselhamento não “passar pelo corpo”;

– *considerar que a pessoa aconselhanda é uma totalidade corpóreo-espiritual, não para ser esquarterjada ou dissecada, mas cultivada e cultuada*. Ou seja, é tanto sagrada e festiva quanto criativa. Não pode ser só cultivo porque pode dar a impressão do plantio de árvores, flores ou cereais, uma ação muito manual, mecânica, que acontece de forma externa. Não pode ser só culto porque pode significar que a corporeidade seja algo pronto, acabado e completo, que precisa ser venerado e contemplado. A corporeidade precisa ter a dignidade da ação sagrada e festiva e, ao mesmo tempo, a cotidianidade do esforço e do trabalho criativo;

– *entender que a corporeidade real humana precisa ser lida mediante a escuta de sua linguagem corporal*;

– *entender que essa linguagem corporal não pode ser lida a partir dos padrões estabelecidos pela racionalidade*. A sensibilidade afetiva, as emoções, os sentimentos, os impulsos sensíveis, o senso estético, etc. constituem os elementos e compõem o referencial de leitura;

– *não espiritualizar o sofrimento*, pois o sofrimento é real, concreto e corpóreo (2 Co 4.10; Fp 1.20; Gl 6.17);

– *não estimular a negação, a fuga ou a vitória pessoal diante do sofrimento*, pois isso implicaria “desviar da cruz”, onde o fardo é leve. Implicaria sobrecarregar a pessoa com um fardo que ela já está sem condições de carregar;

– *conceber que tanto a fé quanto qualquer conhecimento racional (cognição) só fazem sentido se “encarnarem”*, isto é, se passarem pelo corpo. Logo, a fé ou qualquer categoria teológica entra no processo de aconselhamen-

to apenas na medida em que a vivência da pessoa aconselhanda apontar para tal – se ela trouxer isso – ou enquanto uma das categorias que influencia e/ou determina a vivência/encarnação do processo de aconselhamento por parte da pessoa aconselhante. Em outras palavras, não há espaço para o “anúncio oral não vivenciado” de qualquer categoria teológica.

## Bibliografia

- ALVES, Rubem. O corpo e as palavras. In: BRUHNS, H. T. *Conversando sobre o corpo*. Campinas : Papyrus, 1986.
- BARBARA, J. I. A imagem e a consciência do corpo. In: BRUHNS, H. T. *Conversando sobre o corpo*. Campinas : Papyrus, 1986.
- BECKERMANN, A. *Descartes, metaphysischer Beweis für den Dualismus*. Freiburg, 1968.
- BÖHLAU, Herman. *D. Martin Luthers Werke*. v. 4 e 16.
- BRUHNS, H. T. *Conversando sobre o corpo*. Campinas : Papyrus, 1986.
- CODO, Wanderley, SENNE, Wilson. *O que é corpo (latria)?* São Paulo : Brasiliense, 1986.
- COELHO Jr., Nelson, CARMO, Paulo S. do. *Merleau-Ponty: filosofia como corpo e existência*. São Paulo : Escuta, 1991. 113 p.
- COSTA, Luis, ALZUGARAY, Domingo (Eds.). *Johannes Kepler* São Paulo : Três, 1975.
- DANTAS, Estélio H. M. (Org.). *Pensando o corpo e o movimento*. Rio de Janeiro : Shape, 1994. 207 p.
- DANTAS, Estélio H. M. Psicofisiologia: uma janela para a compreensão do homem. In: ID. (Org.). *Pensando o corpo e o movimento*. Rio de Janeiro : Shape, 1994. p. 137-142.
- DESCARTES, René. Meditações. In: CIVITA, Victor (Ed.). *Os pensadores*. São Paulo : Nova Cultural, 1987. v. 15.
- . *O discurso sobre o método*. São Paulo : Hemus, s. d. 136 p.
- . *Princípios da filosofia*. São Paulo : Hemus, 1968. 106 p.
- DUSSEL, Enrique. *Filosofia da libertação*. São Paulo : Loyola, 1980.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 8. ed. Rio de Janeiro : Graal, 1989. 295 p.
- FREIRE, J. B. Métodos de confinamento e engorda: como fazer render mais porcos, galinhas, crianças. In: MOREIRA, Wagner Wey. *Educação física e esportes : perspectivas para o século XXI*. Campinas : Papyrus, 1992.
- GAIARSA, José Angelo. O corpo que se vê e o corpo que se sente. In: DANTAS, Estélio H. M. (Org.). *Pensando o corpo e o movimento*. Rio de Janeiro : Shape, 1994. p. 131-136.
- GENTILLI, Irene. As visões do corpo e a videoterapia. In: DANTAS, Estélio H. M. (Org.). *Pensando o corpo e o movimento*. Rio de Janeiro : Shape, 1994. p. 151-157.
- GONÇALVES, Carlos W. P. *Os (des)caminhos do meio ambiente*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1990. 148 p.

- GONÇALVES, Maria Augusta Salin. *Sentir, pensar, agir* : corporeidade e educação. Campinas : Papirus, 1994. 196 p.
- GRAHAM, Larry Kent. *Care of persons, care of worlds* : a psychosystems approach to pastoral care and counseling. Nashville: Abingdon, 1992.
- HOCH, Lothar C. Aconselhamento pastoral e libertação. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo : Escola Superior de Teologia, v. 29, n. 1, p. 17-40, 1989.
- . Psicologia a serviço da libertação : possibilidades e limites da psicologia pastoral de aconselhamento. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo : Escola Superior de Teologia, v. 25, n. 3, p. 249-270, 1985.
- MARQUES, Jordino. *Descartes e sua concepção de homem*. São Paulo : Loyola, 1993. 223 p.
- MEDINA, João Paulo. *A educação física cuida do corpo e (...) mente*. Campinas : Papirus, 1987.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenología de la percepción*. Barcelona : Península, 1975. 469 p.
- MONDIN, Batista. *Introdução à filosofia*. 6. ed. São Paulo : Paulinas, 1987. 323 p.
- MORAIS, J. F. Regis de. Consciência corporal e dimensionamento do futuro. In: MOREIRA, Wagner Wey. *Educação física e esportes* : perspectivas para o século XXI. Campinas : Papirus, 1992.
- MOREIRA, Wagner Wey. *Educação física e esportes* : perspectivas para o século XXI. Campinas : Papirus, 1992.
- . O fenômeno da corporeidade : corpo pensado e corpo vivido. In: DANTAS, Estélio H. M. (Org.). *Pensando o corpo e o movimento*. Rio de Janeiro : Shape, 1994. p. 53-59.
- NOGUEIRA, Adriano (Org.). *Reencontrar o corpo*. Taubaté : Cabral, 1996. 139 p.
- PLATÃO. *A república*. São Paulo : Difusão Européia do Livro, 1965.
- ROBIN, Leon. *El pensamiento griego y los origenes del espíritu científico*. Mexico : Hispano-Americana, 1956. 404 p.
- SANTIN, Silvino. Perspectivas na visão de corporeidade. In: MOREIRA, Wagner Wey. *Educação física e esportes* : perspectivas para o século XXI. Campinas : Papirus, 1992.
- SCHILLER, Friedrich. *A educação estética do homem*. São Paulo : Herder. 134 p.
- SIMÕES, Regina. *Corporeidade e terceira idade*. Piracicaba : UNIMEP, 1994. 131 p.

#### *Sugestão bibliográfica:*

- VILLAÇA, Nízia, GOÉS, Fred. *Em nome do corpo*. Rio de Janeiro : Rocco, 1999. 226 p.

### Notas

- <sup>1</sup> O assunto deste artigo foi apresentado, sob o mesmo tema, no 2º Encontro Regional de Profissionais da Área de Aconselhamento Pastoral, Psicológico e de Saúde, promovido pela Associação Brasileira de Aconselhamento (ABAC), nos dias 19 a 21 de março de 1999, em São Leopoldo, RS.



- <sup>2</sup> Rubem ALVES, *O corpo e as palavras*, p. 40.
- <sup>3</sup> Wanderley CODO, Wilson SENNE, *O que é corpo(latria)*.
- <sup>4</sup> João Paulo MEDINA, *A educação física cuida do corpo e (...) mente*.
- <sup>5</sup> Regina SIMÕES, *Corporeidade e terceira idade*, p. 76.
- <sup>6</sup> Sebastian Donoso DIAZ, in: Adriano NOGUEIRA (Org.), *Reencontrar o corpo*, p.137.
- <sup>7</sup> Maria Augusta Salin GONÇALVES, *Sentir, pensar, agir*, p. 15.
- <sup>8</sup> Irene GENTILLI (psicóloga, terapeuta corporal e pesquisadora de videotapia), *As visões do corpo e a videotapia*, p. 151, 152.
- <sup>9</sup> Enquanto preparava este texto, num dos noticiários da TV informavam que em torno de 85% das doenças do corpo físico têm um fundo “psicológico”.
- <sup>10</sup> “Corpo pensado, corpo-objeto *versus* corpo vivido, corpo sujeito” – terminologia de Wagner Wey Moreira (doutor em Psicologia Educacional, docente da UNICAMP), *O fenômeno da corporeidade*.
- <sup>11</sup> “Corpo que se vê *versus* corpo que se sente, que se toca” – terminologia de José Angelo GAIARSA, *O corpo que se vê e o corpo que se sente*.
- <sup>12</sup> Convém ressaltar que a atenção não estará voltada para a concepção psicológica ou biológica, mas para a corporeidade socializada.
- <sup>13</sup> Carlos W. P. GONÇALVES, *Os (des)caminhos do meio ambiente*, p. 30-31.
- <sup>14</sup> Maria Augusta Salin GONÇALVES, op. cit., p. 17.
- <sup>15</sup> Considerando o fracasso político na Sicília, as condições políticas perturbadoras da época e a morte de Sócrates, Platão formulou o postulado básico do seu idealismo: o mundo material precisa ser negado (modificado) a partir e mediante a intuição das idéias.
- <sup>16</sup> Veja PLATÃO, *A república*, p. 187. O autor passa a admitir que o exercício do corpo possa ser benéfico para a alma obter e manter o equilíbrio.
- <sup>17</sup> Maria Augusta Salin GONÇALVES, op. cit., p. 43.
- <sup>18</sup> Jordino Marques e A. Beckermann refletem extensamente sobre essa existência ontológica da substância (*res per se subsistens*) em Descartes. Veja Jordino MARQUES, *Descartes e sua concepção de homem*, p. 90s., e A. BECKERMANN, *Descartes, metaphysischer Beweis für den Dualismus*, p. 48, 49.
- <sup>19</sup> Nesse processo Descartes analisa a frase: “Penso, logo existo”. Nesta análise, elimina a fé, a tradição e todos os conhecimentos que os sentidos fornecem, pois não são dignos de crédito absoluto. Como não posso duvidar que existo se penso, chega à conclusão de que a razão fornece uma verdade clara e distinta.
- <sup>20</sup> René DESCARTES, *Meditações*, p. 142. (Os grifos são meus.)
- <sup>21</sup> Maria Augusta Salin GONÇALVES, op. cit., p. 51.
- <sup>22</sup> Silvino SANTIN, *Perspectivas na visão de corporeidade*, p. 57.
- <sup>23</sup> ID., *ibid.*, p. 64-65.
- <sup>24</sup> J. F. Régis de Moraes usa essa terminologia a partir do princípio de que problema é algo que corta o passo do ser humano e o desafia na sua condição de sujeito cognoscente. Assim, corpo-problema refere-se à postura que vê no corpo humano apenas um problema a ser equacionado.
- <sup>25</sup> Maravilhas como a descoberta de que os vasos capilares de um ser humano normal alcançam 100.000 km, enquanto que a circunferência da terra mede

- apenas 40.000 km. Mais dados nesse sentido poderão ser encontrados no livro *Segreti e sagesza del corpo*, de A. Salmanoff.
- <sup>26</sup> José A. GAIARSA, op. cit., p. 131-136.
- <sup>27</sup> Wagner W. MOREIRA, op. cit., p. 53-59.
- <sup>28</sup> Silvino SANTIN, op. cit., p. 58, 59.
- <sup>29</sup> Leon ROBIN, *El pensamiento griego y los origenes del espiritu científico*, p. 55.
- <sup>30</sup> Friedrich SCHILLER, *A educação estética do homem*, p. 107.
- <sup>31</sup> Friedrich Schiller, ap. Silvino SANTIN, op. cit., p. 61, 62.
- <sup>32</sup> José A. GAIARSA, op. cit., p. 132, 133.
- <sup>33</sup> Maurice Merleau-Ponty, ap. Nelson COELHO Jr e Paulo Sérgio do CARMO, *Merleau-Ponty: filosofia como corpo e existência*, p. 102.
- <sup>34</sup> Maurice MERLEAU-PONTY, *Fenomenología de la percepción*, p. 167, 168. (O grifo é meu.)
- <sup>35</sup> Silvino SANTIN, op. cit., p. 67.
- <sup>36</sup> *Process theology*.
- <sup>37</sup> Howard Clinebell, ap. Larry Kent GRAHAM, *Care of persons, care of worlds*, p. 37.
- <sup>38</sup> Larry Kent GRAHAM, op. cit., p. 38.
- <sup>39</sup> Lothar C. HOCH, *Aconselhamento pastoral e libertação*, p. 17s.
- <sup>40</sup> ID., *ibid.*, p. 17.
- <sup>41</sup> *Ibid.*, p. 29.
- <sup>42</sup> *Ibid.*, p. 30.
- <sup>43</sup> Mt 11.30.
- <sup>44</sup> Fp 4.7.
- <sup>45</sup> Haim Omer insiste que o terapeuta não pode ocupar-se apenas com os sofrimentos do paciente que são externalizados pelo mesmo. O terapeuta precisa estar atento aos sentimentos subjacentes ao problema e às estrondosas reações. Também não pode limitar-se a empatizar espontânea e emocionalmente de forma imediata, mas mediante um processo construtivo, no qual ele assume que o desenvolvimento da reação problemática foi o melhor caminho possível de sobrevivência do paciente sob as condições nas quais este cresceu. Ou seja, o terapeuta, em parceria com o paciente, descobre a lógica subjacente à reação problemática, mas legítima aos olhos do paciente. Em outras palavras, a reação estrondosa do paciente, em vez de problemática, passa a ser vista e tratada como a forma legítima, verdadeira e sincera de sobreviver. Assim o terapeuta empatiza, não com o estrondo do cliente em si, mas com a história que ambos construíram. Maiores detalhes podem ser encontrados em Haim OMER, Nahi ALON, *Constructing therapeutic narratives*, Nosthvale, New Jersey : Jason Aronson, 1997, 262 p.; Haim OMER, *Intervenções críticas em psicoterapia*, Porto Alegre : Artes Médicas, 1997, 136 p.

Arno Vorpagel Scheunemann  
Rua Alfredo Varela, 370  
Vila Octacília  
93022-340 São Leopoldo – RS